



**ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA:** um naturalista brasileiro  
produzindo informação sobre a Amazônia e o Centro-Oeste  
(1783-1792) <sup>1</sup>

**Josiane Miranda Maciel\***

**Paula Stephanie Sodré dos Santos\*\***

**Suelene Santana Assunção\*\*\***

## **Resumo**

O século XVIII foi caracterizado por grandes avanços científicos e diversas viagens exploratórias realizadas pelas principais potências europeias aos territórios conquistados. Este trabalho objetiva verificar o papel da obra produzida pelo naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira ao interior da Amazônia e do Centro-Oeste, entre 1783 e 1792, tomando-a como instrumento de registro e de disseminação de informações científicas sobre as regiões em foco. Para isso faz-se uma pesquisa documental, centrada no livro “Viagem Filosófica”, contextualizando-a e complementando-a com a pesquisa bibliográfica sobre a vida e a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira. Verifica-se que a expedição do naturalista resultou num levantamento sistemático e diversificado de informações sobre os recursos naturais e os povos da Amazônia e do Centro-Oeste. Além das anotações do autor, a farta iconografia produzida funcionava como um retrato de tudo o que era visto no Brasil para ser mostrado à Coroa Portuguesa. Assim, as informações resultantes dessa expedição compõem um vasto acervo que continua a contribuir para o legado científico da época, bem como para as diversas áreas do conhecimento humano na atualidade.

**Palavras-chave:** Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792). Viagem Filosófica. Brasil – Século XVIII

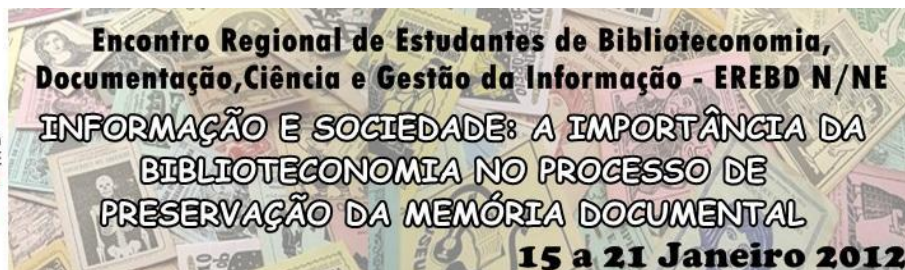
---

<sup>1</sup> Comunicação em pôster apresentada ao GT 01 – Informação e Memória.

\*Universidade Federal do Pará – UFPA. Graduada em Biblioteconomia. macielj49@yahoo.com

\*\*Universidade Federal do Pará – UFPA. Graduada em Biblioteconomia. stephaniesodre@hotmail.com

\*\*\*Universidade Federal do Pará – UFPA. Graduada em Biblioteconomia. sue\_lene14@yahoo.com.br



## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo desenvolver um estudo introdutório sobre a vida e obra do pesquisador naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que esteve no Brasil sob o patrocínio da Coroa Portuguesa para a exploração da Região Amazônica e Centro-Oeste entre os anos de 1783 a 1792.

A opção por estudar este cientista teve como base o fato dele ter nascido em terras brasileiras e ter sido o primeiro naturalista a chefiar uma expedição científica pela Amazônia e Centro-Oeste.

Os autores utilizados neste estudo foram: Almaça (2002); Costa (2001); Silva (2002a, 2002b); Leite (2010); Raminelli (1997, 2001); Pereira e Cruz (2010).

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada a revisão bibliográfica sobre a vida e obra do autor, incluindo livros e artigos de periódicos, fichamentos dos textos lidos, e discussão pelas discentes dos conteúdos analisados.

Em termos específicos, buscamos verificar o papel da obra produzida por este naturalista brasileiro, tomando-a como instrumento de registro de disseminação de informações científicas sobre as regiões em foco.

## 2 A INFORMAÇÃO E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO

O termo informação é originado do latim *informatio*, e significa ensinar, instruir, organizar. A informação pode ser definida como todo o conjunto de dados devidamente ordenados e organizados de forma a terem significado.

As expedições filosóficas estimularam novos conhecimentos e métodos de investigação acerca dos três reinos da natureza, através da catalogação e classificação. Alexandre Ferreira reconhecia as capacidades naturais de cada espécie.

Os manuscritos resultantes das explorações de Ferreira foram distribuídos nos seguintes grupos: 57 pertencentes à Viagem Filosófica ao Grão-Pará, Rio Negro; Mato-Grosso e Cuiabá; 17 sobre diversos assuntos não pertencentes à viagem; e 29 não assinados, mas que podem ser atribuídos a ele pela sua natureza e argumentos. De um total de 103 manuscritos, 01 pertence a Agostinho Joaquim do Cabo; 07 não retratam as atividades



desenvolvidas por Alexandre Ferreira; e os 95 restantes são classificados como: 9 de história, 9 de geografia, 8 de roteiros e diários de viagem, 2 de higiene, 11 e antropologia, 6 de etnografia, 8 de botânica, 5 de agricultura, 8 de tecnologia vegetal, 13 de zoologia, 5 de remessas de coleções e 11 de temas variados (ALMAÇA, 2002).

Esses resultados representam valiosas contribuições para a produção científica da época, abrangendo todas as áreas do conhecimento humano, dentre elas: Medicina, Farmácia, Biologia, Zoologia, Botânica, Agricultura, Ecologia, História, Geografia, Geologia, Mineralogia, Etnografia, Antropologia, Artes Plásticas, Arquitetura, Arqueologia, Linguística, Filologia, Literatura, Política, Administração Pública.

Após permanecer quase dois séculos praticamente inédita, a obra do naturalista baiano em livro impresso foi concretizada em nossos dias, para o benefício da ciência e mérito de Alexandre Rodrigues Ferreira. (FERREIRA, 2008, p. 46).

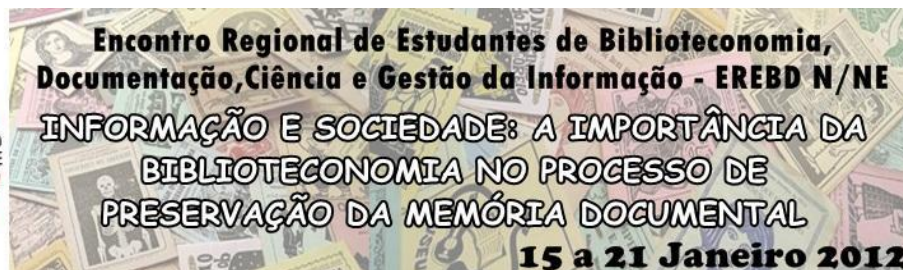
### 3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Segundo Costa (2001), o século XVIII foi caracterizado por grandes avanços científicos, incluindo o de novos conhecimentos e métodos, importantes para o desenvolvimento das ciências e para as grandes viagens de expedições científicas. No entanto, tais expedições ofereciam poucas informações sobre o interior das terras descobertas.

Costa (2001) afirma que foi estabelecida uma comparação entre viagens marítimas e viagens ao interior por Alexander von Humboldt, na introdução do livro *Viagens às regiões equinociais*, publicado em Paris em 1816, segundo a qual não seria possível conhecer um lugar sem penetrar no seu espaço continental.

As viagens ao interior das terras portuguesas, chamadas de Viagens Filosóficas, foram expedições científicas, idealizadas por Domingos Vandelli em 1779, sendo organizada, dirigida e financiada pelo Estado lusitano, para a exploração das riquezas do interior das colônias do Brasil.

Leite (2010), enfatiza que o homem do século XIX se caracterizava pela crescente sensibilização com questões naturalísticas. Este homem passa então à busca contínua de conhecimentos aprofundados sobre diversos aspectos da natureza, com o intuito de usá-los para defesa e/ou benefício próprio.



Desta forma, as viagens exploratórias se expandiram sobremodo. Porém, foram marcadas por sérias dificuldades político-financeiras, físicas e psicológicas:

O trabalho dos naturalistas estrangeiros foi muitas vezes dificultado ou impedido por instituições ou especialistas nacionais, que competiam pelo financiamento, ou interrompido pelo jogo político de poder entre as nações, em razão de acordos, conflitos e guerras. Alguns viajantes passaram incólumes por perigos, doenças e pressões das autoridades. Já outros perderam a vida na travessia dos rios ou não suportaram as dificuldades físicas e psicológicas que as expedições por caminhos desconhecidos lhes reservavam (LEITE, 2010, p. 76).

De acordo com Silva (2002b), a função científica básica de Ferreira seria descrever os três reinos da natureza descobertos no território da Amazônia brasileira e de parte da bacia do Rio Paraguai, de modo que os limites dos domínios portugueses não se confundissem posteriormente com os dos países vizinhos.

Raminelli (2001) faz referência à vasta produção iconográfica de Ferreira, compostas por seus companheiros de expedição, os riscadores/desenhistas José Joaquim Codina e Joaquim José Freire e o botânico Agostinho Joaquim de Cabo.

Na referência ao acervo iconográfico, menciona que os desenhos retratavam a flora, a fauna, e os grupos indígenas, e geralmente eram acompanhados de memórias (textos escritos) relativas aos três reinos da natureza, porém havia a predominância de referências à flora amazônica.

Também informa que segundo o inventário de Ferreira de 1974, os desenhos produzidos correspondiam a um total de 2.670. Destes, 1015 eram originais e resultaram da viagem ao Pará, e somavam 544 cópias quando de seu retorno a Lisboa. Existem ainda 912 cópias na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Posteriormente, Raminelli (2001) estende-se à análise de apenas parte desta composição, ou seja, as memórias e desenhos (estampas) dos principais grupos indígenas mencionados por Ferreira: Os Jurupixunas, Maué, Uerequena, Mura, Cambeba e Miranha. As análises desenvolvidas foram agrupadas segundo as tipologias fisionomia, corpo, artefato e quadro. Demonstram que “Por intermédio das deformidades físicas, vestimentas e artefatos, o naturalista promoveu uma classificação que pretendia não apenas particularizar as nações, mas também indicar o seu grau de evolução técnica” (RAMINELLI, 2001, p. 991).



Pereira e Cruz (2010) relatam que Ferreira elaborou longos relatos de viagens, dedicando diversos estudos aos indígenas, defendia a política de aculturação, questionando se a ‘civilização’ seria vantajosa para os índios.

Alexandre retorna a Portugal após a morte do primeiro ministro Martinho de Melo e Castro em 1795, e assume a direção do Jardim Botânico da Ajuda. Assim, abandonou a produção naturalista, não se dedicando à catalogação dos espécimes coletados, nem publicando o que havia escrito, devido à dificuldade de readaptação à vida na capital do Império, ao desânimo pelas precárias condições de trabalho, e à perda de boa parte do material coletado nas expedições, saqueados por naturalistas enviados por Napoleão, durante a invasão francesa.

#### **4 VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL**

O século XVIII foi caracterizado pelo avanço científico e a realização de diversas expedições pelas principais potências europeias aos territórios conquistados do Novo Mundo.

Nessas expedições, eram enviados astrônomos, naturalistas, cartógrafos e desenhistas. Estes executavam um importante papel no processo de reconhecimento das regiões conquistadas, pois eram eles que faziam o levantamento e a catalogação geral da fauna, da flora e dos minerais, além do estudo das populações nativas.

Portugal se encontrava atrasado com relação à Inglaterra, Espanha e França, pois ainda não dispunha de pessoas com formação científica necessária. Foi nesse momento que o país lusitano resolveu investir em uma reforma na universidade de Coimbra, incluindo dois novos cursos que foram o de ciências naturais e o de matemática. Entre os alunos matriculados depois da reforma, na maioria filhos da elite brasileira, estava Alexandre Rodrigues Ferreira, nascido em Salvador- Bahia em 27 de abril de 1756.

Este se graduou no novo curso de Filosofia Natural da universidade reformada, assim como vários naturalistas que mais tarde iriam fazer expedições filosóficas a mando da Coroa Portuguesa. Porém, dado serem recém formados e não tendo experiência prática, foram incorporados ao Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, e somente em 1783 puderam realizar expedições filosóficas.



Depois, por indicação daquela universidade, aonde acabara de se doutorar, o naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira foi escolhido pelo Ministro Martinho de Melo e Castro para organizar e chefiar a “Viagem Filosófica” pela Amazônia e Centro-oeste, sob a nomeação da rainha Maria I (PEREIRA; CRUZ, 2010).

Alexandre Ferreira chefiou a expedição ao interior do Brasil por nove anos (1783 a 1792), ao longo de 39 quilômetros. Iniciou suas pesquisas em Belém, aonde consumiu mais de oito meses com a organização e os arranjos para a viagem. Em 19 de setembro de 1784 Ferreira partiu de Belém, Rio Amazonas adentro, para a região litorânea do Pará. Já no fim de 1784 visitou Barcelos, para depois subir o Rio Negro, parando em Moreira, Tomar, Lamalonga, Santa Isabel, São Gabriel e José de Marabitanas. Percorreu o rio Branco, até a serra de Canauaru. Novamente em Barcelos desceu o rio Negro, parando em Poiães, Carvoeiro, Moura e Airão. No dia 1º de Maio de 1788, chegou ao Lugar da Barra. Após uma semana, retomou seus estudos, seguiu para Mato Grosso e Cuiabá. Sua viagem terminaria em janeiro de 1793, após nove anos, quatro meses e onze dias.

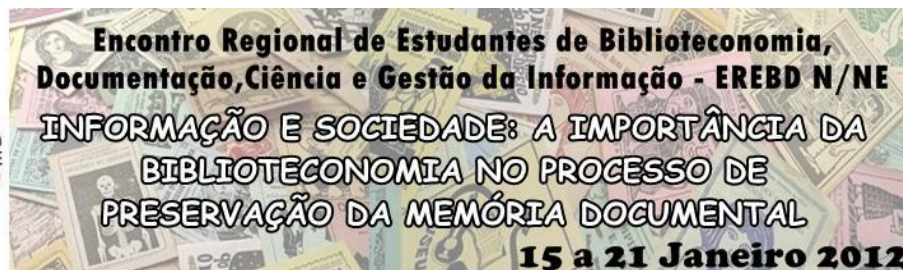
Apesar de todo o esforço de Alexandre para chefiar a exploração, morreu sem alcançar o sucesso, pois não conseguiu que sua obra fosse publicada. Embora a Academia Real tivesse aconselhado a sua publicação, o governo português não a fez por estar passando por uma crise econômica. Então, a Coroa permitiu a transferência de quase todos os documentos para a Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) na condição de que fosse publicada.

Dom Pedro II chegou a publicar “A Viagem Filosófica ao Rio Negro” e alguns fragmentos de sua obra, mas o restante só foi organizado ao longo da segunda metade do século XX. Restam ainda muitos documentos para uma próxima edição, os quais foram descobertos em acervos em Portugal e na França.

#### **4.1 VIAGEM AO PARÁ**

Em 1783 Alexandre Ferreira aportou em Belém do Pará, onde iniciou suas pesquisas, a fim de colher amostras de utensílios empregadas pela população local. Não diz claramente, mas o encanto iluminou rapidamente seus traços, inteiramente dedicado à missão oficial.

Ferreira descreve as particularidades da vida civil, os costumes, a fauna e a flora paraense. Não deixou de fazer críticas sobre as péssimas condições em que se encontravam a



lavou, os índios libertos pela coroa portuguesa, além da deficiência de trabalhadores nas agriculturas.

Sua viagem pelo Pará não demorou muito, porém, ele não deixou escapar nada que fosse útil sobre aquela região. Todas as amostras que recolhia eram mandadas para o Real Museu de Lisboa, o qual tinha objetivo de dinamizar a exploração econômica e a posse das conquistas em áreas de litígio.

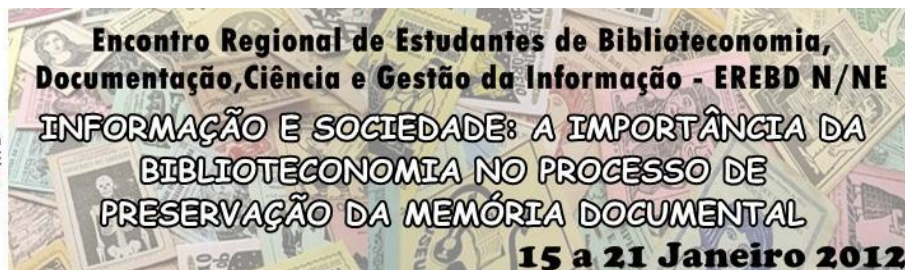
Depois de ter prosseguido suas viagens em outras capitanias, Ferreira retornou ao Pará em 1792, onde inventariou a natureza, as comunidades indígenas e seus costumes, e avaliou as potencialidades econômicas e o desempenho dos núcleos populacionais. Foi a mais importante viagem durante o período colonial.

## **4.2 VIAGEM AO RIO NEGRO**

A expedição de Alexandre Ferreira à Capitania do Rio Negro foi a mais demorada e com a maior quantidade de materiais coletados e registrados. Iniciou-se em 13 de fevereiro de 1785, com a sua chegada à embocadura do Rio Negro. De lá ele rumou para a Vila de Barcelos (02.03.1785 a 20.08.1785); Fortaleza de São José de Marabitanas (chegada em 14.11.1785); Barcelos (retorno em 07.01.1786); Rio Negro, Rio Branco, Fortaleza de São Joaquim, Barcelos (23.04.1786 a 03.08.1786). E foi finalizada com sua partida de Barcelos, em direção ao Rio Madeira, em 27 de agosto de 1788.

Os resultados das explorações do naturalista à área da bacia do Rio Negro e de seus afluentes constituíram a obra denominada “Corpo de História Geral, e Particular do Rio Negro”, composta de duas partes, a primeira contendo seis memórias, e a segunda contendo sete memórias, 224 folhas manuscritas, e 28 títulos.

Os manuscritos revelam em riqueza de detalhes todos os aspectos observados, coletados e registrados pelo naturalista em suas incursões exploratórias àquela localidade entre os quais os rios (Rio Negro, com água rica em ferro, diurética, desobstruente, Rio Branco, etc), a agricultura (anil, café e tabaco), os produtos manufaturados (manteiga de tartaruga, aguardente, louça fabricadas em olarias e à mão, redes de pesca, chapéu de palhinha, etc), as drogas do sertão (breu, salça, cacau, etc.), alimentação (à base de peixe,



tartaruga, mandioca, etc.), a fauna (mamíferos, aves, répteis, peixes, formigas, caranguejos, moluscos, etc.) (ALMAÇA, 2002).

#### **4.3 VIAGEM A MATO GROSSO**

Em 1750, para garantir os territórios conquistados com o Tratado de Madri, Portugal funda a Vila Bela da Santíssima Trindade, no vale do Guaporé para ser a capital da capitania de Mato Grosso e Cuiabá. Ferreira chega à localidade em outubro de 1789. Foram 13 meses e 18 dias de viagem, além das dificuldades naturais tiveram que enfrentar deserções, rebeliões de índios remeiros, falta de alimentos e as esperadas doenças.

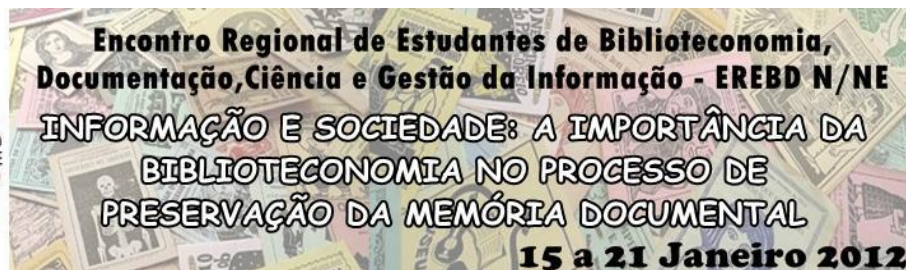
Situada em uma área essencialmente estratégica por ter um eixo minerador, Vila Bela atraiu vários aventureiros que construíram desordenadamente núcleos de povoamento. Não havia hospital e nem sequer um estabelecimento fornecendo remédios caseiros. Com a precariedade do saneamento básico era quase impossível estar sadio neste lugar, pois conviviam com as epidemias sazonais e as doenças de todo tempo, como o escorbuto, os espasmos, as hemorróidas e a sarna.

Os oitos auríferos deveriam ser examinados e relatados no diário. Alexandre analisou e recolheu amostras dos diferentes tipos de ouro. Das formas de extração, assim como as condições gerais de cada lugar, fornecendo dados sobre população, condições de saúde e formas de produção agrícola. Descreveu também sobre as madeiras e outros recursos naturais ali encontrados, sugerindo maneiras de explorá-los racionalmente, inclusive fazendo observações sobre como evitar o desmatamento.

#### **4.4 VIAGEM A CUIABÁ**

Cuiabá, cidade brasileira localizada na região Centro-Oeste do país e atualmente capital do estado de Mato Grosso, foi fundada em 1719 com o nome de Arraial de Cuiabá. Depois nomeada Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá. Sua fundação se deu devido à descoberta de ouro na região de Mato Grosso, que atraiu muitas pessoas para o local. Após o fim das jazidas, a economia ficou praticamente estagnada, comprometendo a população que, por sua vez, abandonava o local.





Acerca daquele local, mais do que pesquisas sobre fauna e flora, Lisboa exigiu prioridade para o reino mineral, devido à concentração de ouro e pedras preciosas na vila. Ferreira além do cuidado em registrar e catalogar tais minerais, ele realizou registros etnográficos, que mostram o cotidiano e os costumes dos que ali habitavam. Em seus documentos ele também cita as doenças que se manifestaram durante sua estadia na localidade, como: sezões, corrução, sarna, disenteria, etc.

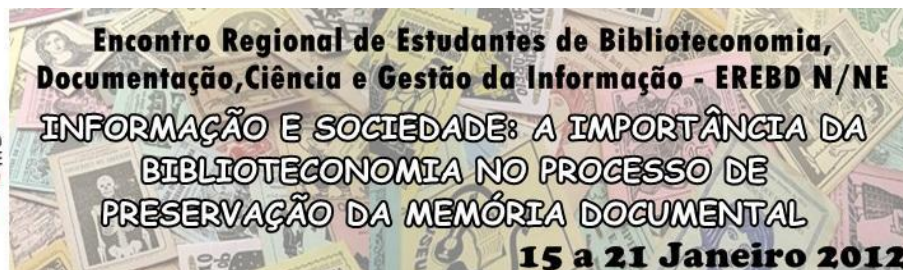
Os desenhistas Freire e Codina, que auxiliavam a Alexandre, tiveram um papel muito importante dentro das pesquisas realizadas, pois foram eles que registraram em quatro aquarelas, as diferentes etapas do processo realizado com o ouro, desde as escavações para encontrá-lo até a lavagem do mesmo. Para Costa (2001, p.12) “Essas aquarelas, todas inacabadas, são sem dúvida um dos primeiros registros visuais da forma de trabalho numa lavra de ouro no interior do Brasil”. Depois de terminada a pesquisa nos arraiais mineradores de Cuiabá, Ferreira e seus auxiliares se dirigiram ao Pantanal, com destino ao presídio de Nova Coimbra.

## 5 DISCUSSÃO

Considerando que o objetivo de Alexandre Ferreira era de inventariar os recursos naturais da Região Amazônica, elaborar mapas, investigar a cultura indígena e demarcar o território colonial pertencente à Coroa Portuguesa, verifica-se que suas descobertas se tornaram importantes dados sobre a colônia até então praticamente inexplorada.

Os registros de suas pesquisas, enviados a Lisboa, formaram um amplo e rico acervo taxionômico, etnográfico e iconográfico. Eles revelam diversos aspectos de sua formação humana e científica, incluindo a perspicácia de suas observações, seu interesse pela utilização prática do conhecimento obtido, e sua preocupação com questões humanísticas relacionadas ao povo indígena.

A despeito de todas as adversidades encontradas para o desenvolvimento das expedições e no percurso das viagens, envolvendo dificuldades financeiras, perigos, doenças, ambientes insalubres etc., os resultados alcançados pelo naturalista revelam seu intenso compromisso científico.



Por outro lado, constata-se que a prática científica do período estava a serviço de interesses políticos e econômicos, tais como a expansão comercial, o domínio e a exploração das colônias americanas.

Assim, temas que seriam de extrema importância para o Brasil colônia e para a atualidade, devido às consequências produzidas, como a destruição das florestas, a redução de certas plantas e animais, a caça indiscriminada de tartarugas, etc., não alcançaram o devido destaque em seu *Diário da Viagem Filosófica*.

Rubens Ferreira (2004, p. 72) destaca que “Os diários redigidos pelos viajantes e naturalistas eram mais ricamente detalhados se comparados às publicações impressas que eram lançadas no circuito editorial”.

Ressalta-se, contudo, que apesar do caráter político-econômico de suas pesquisas, estas merecem consideração pelos benefícios trazidos para as diversas áreas do saber científico. E atualmente estão contribuindo para o conhecimento e enriquecimento histórico-cultural de vários acadêmicos, incluindo as discentes envolvidas nesta pesquisa.

É preciso, portanto, reconhecer e valorizar o que esse naturalista nos legou de diversidade de informações resultantes de suas pesquisas em terras brasileiras.

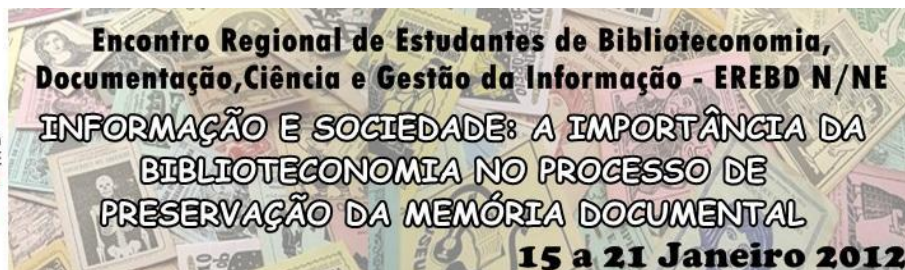
## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Viagens exploratórias ocorridas no século XVIII e XIX, incluindo a realizada por Ferreira (1783 a 1792) ao Brasil, foram coroadas por relatórios/ diários de viagens, desenhos, quadros, mapas, exemplares de espécies vegetais, animais e minerais etc.

Os textos originados dessas viagens continham uma descrição exata de todas as coisas observadas, que se baseava nos seguintes princípios: “deveria ser textual e visual; caracterizava-se pela brevidade e objetividade; servia para individualizar as espécies; vinculava-se aos interesses coloniais e científicos” (RAMINELLI, 2001, p. 974).

A literatura de Viagem servia para a consulta por outros cientistas envolvidos em estudos naturalísticos, para orientá-los quanto às especificidades de regiões e culturas por eles desconhecidas.

Nas incursões de Ferreira ao interior das capitanias luso-brasileiras, este buscou informações nos livros que trouxera consigo sobre plantas e animais, nem sempre apropriado



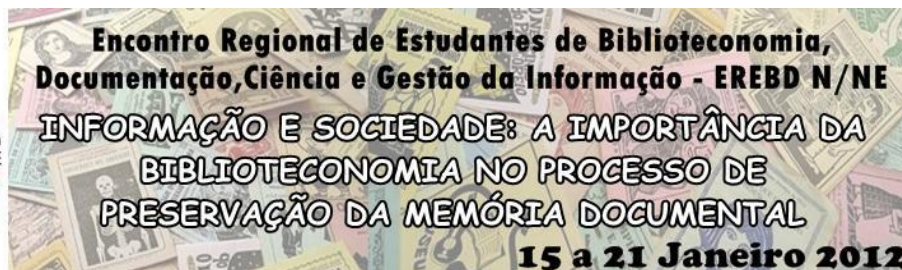
à realidade local, produzidos por autores como Jean Baptiste Aublet, Margrave e Piso, Carl Lineu, Valerio, Antoine Baumé e Giovanni Antonio Scopoli. Em Barcelos teve acesso aos escritos de Charles La Condamine e do diário do padre Samuel Fritz. Em Belém contou com orientações de José Pereira Caldas sobre agricultura e povoamento nativo. Em Vila Bela consultou a obra de Buffon, *Histoire naturelle*.

Ferreira também contou com o auxílio de relatórios de viagens dos cientistas Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Teodósio Constantino de Chermont, José António Landi e Manuel Gama Lobo d'Almada.

Os viajantes naturalistas também obedeciam às regras sobre procedimentos de coleta, classificação, e remessa de material, além de instruções sobre a composição do diário de viagem, dispostas em um panfleto de autoria de vários naturalistas do Jardim d'Ajuda<sup>2</sup>. Portanto, o papel do livro neste período foi de extrema importância no processo de comunicação científica das descobertas oriundas das expedições exploratórias, e serviam de guia para novas pesquisas na área.

---

<sup>2</sup> Cf. *Breves Instrukçoens aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos e notícias pertencentes a história da Natureza para formar hum Museo Nacional*, Lisboa, Academia de Sciencia de Lisboa, 1781.



## REFERÊNCIAS

ALMAÇA, Carlos. Introdução. In: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira: a expedição philosophica pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá.** [S.l.]: Kapa, 2002, v. 1. p. 9-18.

COSTA, Maria de Fátima. Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior. **História, Ciências, Saúde- Manguinhos**, v. 8 (suplemento), p. 993-1014, 2001.

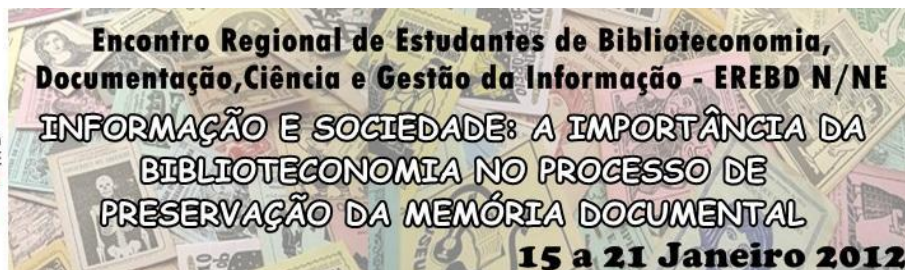
FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão- Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá.** 2 ed. Manaus: Valer, 2008.

FERREIRA, Rubens da Silva. Henry Walter Bates: um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 67-75, maio/ago. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a06v33n2.pdf>>  
Acesso em: 29. 05. 2011.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A Natureza e os naturalistas do Século XIX. **História viva: O olhar dos Viajantes**, São Paulo, n. 1, p. 72-77, 2010.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. Viajantes brasileiros do império português. **História viva: O olhar dos Viajantes**, São Paulo, n. 1, p. 32-37, 2010.

RAMINELLI, Ronald. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionomia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. **História, Ciências, Saúde- Manguinhos**, v. 8, p. 969- 992, 2001.



\_\_\_\_. **Ciência e colonização- Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**, 1997. Disponível em: [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_livres/artg6-10.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf) Acesso em: 29.05. 2011.

SILVA, José Pereira da. Notícias sobre Alexandre Rodrigues Pereira e sua obra: conservada na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira: a expedição philosophica pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá**. [S.l.]: Kapa, 2002a, v. 1. p. 24-32.

\_\_\_\_. Alexandre Rodrigues Ferreira. In: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem ao Brasil: a expedição philosophica pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuyabá**. Kapa Editorial, 2002b, v. 8.